



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Édouard Glissant: a recusa em morrer no Imaginário da Relação.

Matheus Dos Santos Teixeira

Seropédica /RJ Novembro de 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Édouard Glissant: a recusa em morrer no Imaginário da Relação

Matheus Dos Santos Teixeira

Trabalho apresentado como
requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciado em Filosofia,
sob orientação do Prof. Dr.
Cristiane Almeida de Azevedo.

Seropédica/RJ Novembro de 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Matheus Dos Santos Teixeira

Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em
Filosofia no Departamento de Filosofia

MONOGRAFIA APROVADA EM: **/**/20** com média:

Nota:

Prof. Dr. Cristiane Almeida de Azevedo – UFRRJ

Nota:

Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira dos Santos – UEFS

Nota:

Prof. mestre. Camila Souza Da Silva - UFRRJ

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a criança que um dia eu fui. É nela que minha memória busca a vontade de continuar e de sonhar com um futuro melhor.

Agradeço a minha mãe, Rita, que fez e faz, de tudo para que eu pudesse seguir o meus sonhos.

Agradeço meu pai por sempre acreditar no meu afeto e na minha força como pessoa. Agradeço o senhor Antonimarcus e a Senhora Rita de Cassia por me darem a oportunidade de estudar e um conforto de casa para poder estudar. Os natais na rua esperando a dona Rita, minha mãe, sair do trabalho e os esforços para pagar meus cursos me levaram até aqui. Agradeço por não desistirem de mim mesmo ainda sendo meras crianças que foram pais de três filhos homens num bairro onde alguns colegas dos seus filhos morreram jovens.

Agradeço aos meus sobrinhos; Manuela, a sobrinha mais velha de uma educação, de afeto e inteligência que nem o futuro está preparado para ela; Marcelly, meu anjo que vi nascer, engatinhar, andar e ser arteira igual o tio, que meu sorrindo faça sua estrela brilhar no céu; Bernardo, o sobrinho com personalidade e com o cabelo mais bonito que o tio já viu; Valentina, a criança mais falante que passou pela família, seu carinho e os abraços demorados são a cura para os dias difíceis; Lorenzo, o sobrinho que passava horas escutando música só para estar comigo e que é tão parecido comigo fazendo arte que me assusta; Lorah, o caçula, o mais rabugento, o sobrinho muito amoroso, atencioso e que, igual o tio, não tem paciência para quase nada. Todos vocês foram minha primeira recusa em morrer. De herança deixo o meu legado em construção e todo meu amor de tio.

Agradeço aos meus amigos e amigas; Gilberto, o amigo de infância mais durão e cara fechada, mas em contra partida, a pessoas mais carinhosa e amorosa que já passou na minha vida, o qual hoje chamo de irmão; Bell, a amiga que me ensinou o que é amar amizade, o que é ser atencioso, a saber escutar e que música pode unir as pessoas para sempre; Geovanna, a amiga que sempre acreditou em mim e desejou, em forma de felicidade e amor, que eu realizasse meus sonhos; agradeço a minha amiga Ana Caroline, minha vizinha em Seropédica, por ser o gatilho para que eu pudesse perder a vergonha de postar meus poemas; Carlos Eduardo, o amigo que a faculdade me deu, eu agradeço por toda ajuda intelectual e companhia na faculdade para que eu pudesse chegar até aqui; Guilherme e seus pais, que me acolheram como um segundo parente morando em Seropédica e se preocupavam com o meu bem estar físico e emocional, as conversas sobre

música antes de dormir foram importantes para afastar a ansiedade. Os presentes foram mais que presentes, foram vocês mostrando para mim que alguém confiava na minha capacidade.

Agradeço aos meus professores. Kim, meu professor de física no pré-vestibular, agradeço todo o seu afeto e luta pela liberdade. Agradeço todo o seu amor por essa profissão e toda dedicação que me fez amar este caminho que eu segui; Patrícia, a melhor supervisora de estágio que eu pude ter na faculdade. Agradeço toda compreensão e espaço para eu exercer a minha personalidade em sala de aula com os seus alunos e alunas. Agradeço pelas conversas e por você ser esse exemplo de profissional e, principalmente, de afeto para com os alunos; agradeço a Cristiane que em minhas apresentações das pesquisas sempre me acalmava com suas palavras e, as vezes, com um pote de pingo de leite. Sua preocupação com o meu bem estar nestas horas foi, para mim, uma recusa em morrer.

Agradeço meu mestre Ederson Pereira; sou grato pelo senhor ser o meu segundo pai quando eu mais precisei e por me apresentar melhor esta arte que é o Taekwondo.

Por fim, agradeço a Arte e a Cultura, agradeço a Música. Sem vocês eu não seria nada do que sou.

Resumo

Este trabalho visa analisar a recusa em morrer a partir do Imaginário da Relação. Tendo como base as teorias de Édouard Glissant, seu território e sua trajetória, o texto visa analisar, em conjunto com intelectuais como Luís Carlos dos Santos e Diva Damato, como o Imaginário da Relação da a possibilidade de estar vivo, em resistência, perante a morte. Édouard Glissant, Filósofo, romancista e poeta, nascido na Martinica, nos dá a possibilidade de imaginarmos um novo mundo e uma nova forma de enxergar a diferença a partir da Relação e da Crioulização. O trabalho tem a intenção de, a partir de Glissant, enxergar como, em recusa da morte, se faz resistência contra um imaginário do genocídio que, no decorrer da história, dita quem deve viver e quem pode morrer. Portanto, o texto mostrará como a recusa em morrer se dá em forma de resistência a partir da arte e do Imaginário da Relação e, em recusa do Imaginário Genocídio, se faz a tentativa de ser livre, afetuoso e feliz.

Palavras Chaves: Relação; Imaginário; Resistencia, Morte.

Sumário

Introdução.....	7
1 Martinica.....	9
1.1 A ilha	9
1.2 Historia	12
1.3 Lugar.....	15
2 Édouard Glissant.....	20
2.1 Vida e trajetória	19
2.2 O imprevisível como resultado da Relação	22
2.3 Imaginário do Genocídio x Imaginário da Relação.....	25
3 Liberdade.....	31
3.1 Abismo	30
3.2 Depossessão do espaço.....	32
3.3 Da assimilação à felicidade	34
Bibliografia.....	44

Introdução

Enxergar a arte como movimento de libertação de um povo, imaginar a materialização do choque entre as culturas, observar uma guerra a favor de um imaginário emancipatório e, principalmente, pensar o desvio perante a morte, a partir de uma filosofia emancipatória, são pontos fundamentais para entender o filósofo, poeta e romancista Édouard Glissant.

A partir do pensamento de Glissant e da tese *O poder de matar e a recusa em morrer: Filopoética afrodiáspórica como Arquipélago de libertação*, de Luís Carlos Ferreira dos Santos, é notável o debate da criação de uma subjetividade/identidade que passa por um imaginário que visa a fuga dos conflitos impostos pelo ocidente, que foi calcado num imaginário da morte e do poder de matar, no qual utiliza-se da compreensão do uno repulsa pela alteridade. A partir do Imaginário da Relação¹ estaria a possibilidade de combater, através da resistência e da memória, traumas do período histórico da escravidão e também de criar arte.

O imaginário visto como uma das categorias importantes do pensamento, mostra como a disputa passará pelo combate social, cultural e político de um povo e, principalmente, como irá intervir na invenção artística. Para o filósofo, é da germinação de um Imaginário da Relação, que não aniquila a alteridade, e, principalmente, da possibilidade de analisar o artista, a partir do seu território e da sua confluência com outros artistas e artes, que se dá a possibilidade da criação; é desta forma que se molda a arte e que se faz a possibilidade de inventar e, conseqüentemente, que se cria arte.

A beleza pode ser resgatada pela arte, buscando uma nova maneira de fazê-la em comunhão com o mundo. Glissant nos faz pensar numa nova forma de sonhar as possibilidades artísticas e culturais de um mundo livre e afetoso.

Desta forma, podemos analisar como os países colonizados, como a Martinica, de Édouard Glissant, passaram por processos que levaram o seu povo a não fomentar uma cultura própria, mas a experimentar uma arte com o mesmo olhar exótico que o ocidente tinha para com as denominadas colônias. A burguesia local, da Martinica, buscava uma arte e uma cultura que se criava a partir da assimilação com a metrópole. No entanto, analisando o filósofo, percebe-se que a invenção artística não advém da lâmpada do gênio

¹ O conflito Imaginário da Relação *versus* Imaginário do Genocídio baseia-se num debate feito por Luís Carlos Ferreira dos Santos na tese: *O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afrodiáspórica como arquipélago de libertação*. Este conflito será exposto mais à frente no texto.

ou do “momento eureka” e sim da Relação do criador com o território, com a história, com a memória e com a ancestralidade.

Portanto, é a partir de intelectuais como Édouard Glissant, Luís Carlos e Diva Damato que este trabalho se voltará para a investigação do conflito entre o Imaginário da Relação e do Imaginário do Genocídio, a partir de uma análise da tese do intelectual Luís Carlos Ferreira dos Santos que, em sua escrita, nos trouxe uma “recusa em morrer”, para que outros possam também se agarrar nesta recusa.

Parte-se de conceitos e de leituras de Édouard Glissant para mais um debate sobre a guerra entre os imaginários, posta na tese de Santos e, principalmente, como escolha e decisão, parte de mais um “guerreiro do imaginário”, para continuar na teimosia e na persistência a sua recusa perante a morte. Desta maneira, utiliza-se em relação três intelectuais e a música para debater sobre a recusa em morrer como forma de resistência.

Assim, no primeiro capítulo, será exposto a Martinica; seu espaço geográfico, sua história e o lugar, na intenção de demonstrar como o espaço, a intelectualidade e a arte andam juntas na Relação. No segundo, serão abordadas a vida, a trajetória e a teoria de Édouard Glissant, com o objetivo de apresentar o conflito do imaginário da Relação e imaginário da morte. E, por fim, no terceiro capítulo, serão trabalhados os abismos, a depossessão do espaço e a assimilação em prol de buscar, pela arte, caminhos para a felicidade.

Assim, o trabalho caminhará, na sua trilha calma, na intenção de soltar um grito de vida perante a legitimação da morte imposta no mundo colonial. Uma legitimação da morte que deu-se na Modernidade e que ainda acontece na contemporaneidade. Que minha voz, letra e música seja felicidade e, principalmente, um alívio e um abraço afetuoso no meio do caos.

1 Martinica

Je suis ici, ainda que não queiram, não
Je suis ici, ainda que eu não queira mais
Je suis ici, agora - Luedji Luna

1.1 A ilha

O lugar é de suma importância para o entendimento da trajetória de um artista e de um intelectual para que possamos entender como os seus debates e suas artes serão feitas. Pensar as Antilhas como um arquipélago, no qual há um intenso trânsito de ida e vinda de conhecimento e práxis, é de suma importância, neste trabalho, para entendermos a relação entre o que é debatido a partir desse local e como isso reverbera para fora dele.

Desta forma, entender o local geográfico e a paisagem, a ida para a metrópole e o retorno para o país natal, é extremamente importante para a compreensão de como o colonizado percebe o seu Eu e, como desta percepção, faz a sua arte e filosofia. É neste contexto de entender como o lugar, geográfico e político, interfere nos debates, nas artes e nas teorias a partir de um local. São das necessidades locais e dos problemas que nasce o debate, mesmo que por semelhança e, por proximidade histórica, haja em outros lugares as mesmas problemáticas.

Também conhecida como a ilha das flores, localizada num arquipélago, Martinica é um pequeno país do caribe; situada nas Pequenas Antilhas e ainda hoje, em 2025, é considerada um departamento ultramarino da França.

A ilha possui sua localização estratégica entre a América do Norte, a América do Sul e a América Central à sua esquerda. Separada da França por cerca de 7 mil Km, banhada pelo Oceano Atlântico, pelo mar do Caribe e separada geograficamente por canais de aproximadamente 30 Km dos países Dominica e Santa Lúcia.

Os lados opostos da ilha demonstram as suas diferenças geográficas. O norte e o sul são opostos em sua natureza e são pratos cheios para o poeta criar metáforas para imaginar a sua literatura; a exemplo de La Lézarde que é o principal rio da ilha, mas

também, é o título do romance premiado de Édouard Glissant, uma imagem que parte da natureza para a literatura em forma de poética.

Esta oposição é, em particular, causada pela assimetria entre as costas da ilha, um lado o Mar do Caribe e outro o Oceano Atlântico, que estão cada num extremo da ilha. O lado caribenho, possuindo precipícios de até 2 mil metros, entra em contraste com o outro extremo, o qual forma ilhotas e recifes com um mar calmo, com um acúmulo de lama que fazem surgir mangues por causa da pouca profundidade da água

Possuindo um relevo bastante instável semelhante a “uma folha de papel violentamente amassada” (Damato, 1995, p. 29), o país não ocupa um espaço geográfico maior que 1.100 km², como diz Damato. E seus pontos mais altos chegam no máximo aos 1.400 m, no conhecido e importante Mont Pelée. Suas elevações abruptas, seus abismos e precipícios mostram a irregularidade do terreno.

Um terreno plano é raro na ilha, mas é possível encontrá-lo caminhando para sul. Lamentin carrega consigo o poder de ser o único território verdadeiramente plano com seus 75 km² e por isso lá foi construído o aeroporto internacional. No entanto, o relevo vulcânico continua sendo marca registrada, por sua maior característica na ilha que coloca a cidade Lamentin entre morros.

As chuvas irregulares determinam a divisão do ano “*hivernage* – estações das chuvas, de junho a dezembro, quando podem ocorrer ciclones e *carême* – estação seca, de janeiro a maio” (Damato, 1995, p. 33). O norte da ilha, com suas áreas montanhosas e com uma grande vegetação tropical, comparado com lado sul, sofre mais com as chuvas. O Sul que, em comparação com o Norte, é mais plano e menos montanhoso está mais propenso a chegada do vento que leva as nuvens pesadas e carregadas de chuva.

Os ventos também sopram na Martinica em prol dos movimentos políticos, artísticos e pela busca e resgate de uma cultura emancipatória. Partindo de uma análise do livro “O Quarto século” de Édouard Glissant, e de como o autor utiliza da natureza como um personagem em seu romance, trago aqui, como conceito, forma de viver, de práxis política e metáfora, o que SANTOS nos diz:

O vento é a força de continuar resistindo ao poder de matar. Os elementos da natureza atuam como um dos personagens principais na conversa ritualística do velho quilombola e feiticeiro com o jovem estudante. A memória da escravidão percorre o romance. E o vento, signo da natureza, é utilizado como recurso imagético para a construção da paisagem de Glissant (2019, p. 96).

Assim como é dito que: “os horrores da travessia só podem ser contados pela ficção” (Damato. 1995, p. 47). Podemos ver que os horrores foram discutidos para além da ficção; eles estão no ambiente social e político do país. A recusa perante os horrores são debatidos e discutidos em publicações de revista na França como a *Légitime Defense* ou em revistas como a *Tropiques*, publicada na Martinica.

Em 1932, um grupo de jovens martinicanos escreve em uma capa vermelha de um pequeno folheto preto: “*Légitime Défense*”. Nasce, então, no dia primeiro de junho, pela união de oito jovens, uma revista que, quase que em forma de manifesto, declara a insatisfação com a burguesia local, com a colonização, com o capitalismo e com a igreja.

Com intenção de reverberar a luta, a vontade de existir e a de sonhar estavam na revista intelectuais como Étienne Léro, Thélus Léro, René Ménil, Jules-Marcel Monnerot, Michel Pilotin, Maurice-Sabas Quintan, Auguste Thésée e Pierre Yoyotte que nas suas misturas intelectuais e, com suas próprias formações acadêmicas, relacionaram-se em prol da criação da revista e escreverem para proclamar a luta através da adesão no Surrealismo e no Marxismo.

Aimé Césaire, um personagem importante para a história e política da Martinica, retorna, no ano de 1939, para o seu país de origem com o já escrito e publicado, na revista francesa *Volontés*, “Diário de um retorno ao País Natal”². Logo em seguida, em conjunto com Suzanne Césaire, assumem os cargos de professores no Lycée Schoelcher e levam adiante, junto com René Ménil, a criação e edição da Revista *Tropiques*. Nesta época, passam pelo liceu alunos que mais tarde continuariam a sentir o sopro do vento contra a recusa em morrer, os principais que cito aqui são: Édouard Glissant e Frantz Fanon. No ano de 1941, surge a primeira publicação da revista *Tropiques* e o vento continua a soprar na Martinica para mostrar e agarrar, na realidade e no presente, as possíveis ações perante a recusa em morrer.

Considerada o lugar mais francês das Antilhas, a Martinica viveu e vive, “A colônia (Sobre)vive no entre-lugar (França e África)” (Bispo, 2018, p. 19). Um lugar de trânsito e de disputa de poder e conflitos de imaginários que foram moldados pela colonização e pelo racismo. Porém, é deste mesmo lugar e desta mesma história que nascem intelectuais como Aimé Césaire, Suzanne Césaire, Frantz Fanon, René Ménil e, principalmente, Édouard Glissant.

² A primeira publicação em formato de livro foi no ano de 1947.

1.2 Historia

“A história da Martinica (como praticamente toda a história da América) tem sido contada a partir da chegada dos europeus, a partir dos “descobrimentos”” (Damato, 1995, p. 35). Cristóvão Colombo avista primeiro Guadalupe (Karukera), no dia 4 de novembro de 1493, e somente no ano de 1502 desce na Martinica (Juanakaera dos Caraibas). Com a segurança do Tratado de Tordesilhas, a Espanha estava assegurada a se considerar detentora da possibilidade de domar um novo território na sua vaga aventura para o Novo Mundo.

O Tratado de Tordesilhas de 1494 dividia geograficamente o que era de Portugal e o que era da Espanha, separava qual local e quais povos a Europa encontraria nas suas aventuras e, junto com a Igreja Católica, partiam com a cruz, com a espada e com barcos a vela carregando a sua Trindade, em nome do Genocídio, Epstemicídio e do Etnocídio.

Já no século XVI outras nações europeias começaram a contestar o mesmo direito de usurpar o suposto Novo Mundo. Com ataques aos navios espanhóis, ingleses, franceses e holandeses buscaram o direito de comandar o que viria ser o Caribe e as Pequenas Antilhas.

Assim como no Brasil com os holandeses no Nordeste, na região do que hoje chamamos de Maranhão, e os franceses no Sudeste, na região que hoje chamamos de Rio de Janeiro, a Europa junto com seus reis, com a igreja e com uma crescente burguesia no poder, buscou domesticar o Novo mundo com a desculpa do desenvolvimento e da fé.

Segundo DAMATO, “Nas pequenas Antilhas, os Holandeses tomam Santo Eustáquio e São Martin; os ingleses, Barbados, Nevis, Montserrat, Antígua e parte de S. Cristóvão, os franceses, a outra parte de S. Cristóvão, Guadalupe e Martinica” (1995, p.36). Desta maneira, habitada pelos seus nativos Caraíbas e pelos Arawaks, na costa Atlântica da ilha, a Martinica começa a sentir a força da aventura europeia. Tal força que mudou totalmente a sua população e, assim no calar da noite, “os franceses decidiram exterminá-los (...). É bastante provável que em 1658 tenham sido massacrados num mesmo dia e numa mesma hora previamente combinados, não só na Martinica como talvez em outras ilhas (com exceção da Dominica onde os sobreviventes puderam se refugiar)” (Damato. 1995, p. 38). Esta ruptura e o desinteresse pela mão de obra escrava dos povos nativos levaram os franceses a buscar os primeiros povos que não eram nativos para o trabalho escravo.

Vemos que “Na Martinica, os primeiros escravos haviam sido adquirido dos portugueses ou chegados com os holandeses quando foram expulsos do Brasil. Com as dificuldades crescentes com os Caraíbas, estabeleceu-se uma operação triangular (Antilhas – Europa – África) e o tráfico negreiro organizou-se” (Damato. 1995, p. 44). Portanto, Martinica fortificou-se com pessoas escravizadas vindas a princípio de Angola e Cabo Verde e logo em seguida o tráfico negreiro passou a se concentrar por toda costa Ocidental da África, no sul de Senegal, nos grandes reinos de Daomé e do Congo.

Já no início do século XVIII, há 4.500 escravos na Martinica e a economia da plantação urge no seu progresso. Assim “aumenta-se o número de escravos, diversifica-se o trabalho, exige-se maior rentabilidade da mão-de-obra” (Damato. 1995, p. 57). A cana de açúcar passa a ser prioridade para a economia.

Em 1833, a Inglaterra acaba legalmente com a escravidão em suas colônias e, em 1840, o governo da Martinica começa a dar indícios de seguir o mesmo interesse pela supressão do trabalho escravo.

Maio de 1844, o proletariado de Paris pressiona o governo para o fim da escravidão e, em 1845, firma-se a possibilidade da pessoa que foi escravizada comprar a sua liberdade.

No ano de 1848, no dia 22 de maio, explodem revoltas no sul e no norte da Martinica. “Os escravos descem dos morros e concentram-se nas comunas. As concentrações crescem perigosamente em Fort-de-France a agitação adquire proporções alarmantes” (Damato, 1995, p. 67). Por fim, no dia 23 de maio do ano de 1848, a escravidão é abolida na Martinica.

A partir de 1853, com o fim do trabalho escravizado, surgem projetos de migração para importar mão de obra. Assim, chega no país imigrantes de diversas nacionalidades entre eles europeus, chineses, japonese, africanos e indianos. No entanto, muitos morreram ou voltaram para seus locais de origem.

Com o passar do tempo cresce o poder dos considerados *békés* (minoría branca e proprietários de terras) e surge uma “burguesia de cor”³ que passa a dar apoio para os donos de terra na esperança de melhores eleições para estarem no jogo político. Esta burguesia busca sua assimilação com a metrópole para se manter em pé e no futuro sofrerá grandes críticas de jovens martinicanos com a publicação da revista *Légitime Défense*.

³ Damato, 1995, p. 71.

Em 1871, cria-se o ensino primário gratuito na Martinica e, em 1881, o Lycée Saint-Pierre é criado na Martinica. No que diz respeito economia, o açúcar da cana entra em disputa com o açúcar da beterraba e faz a economia do país decair levando a chamada Crise da Açúcar já que a cana-de-açúcar era de extrema importância para o mercado do país. Com o resultado da crise, ocorre, em 1882, uma greve dos trabalhadores agrícolas.

Por causa do alto índice de desemprego e de muitas greves ocorrendo, o país seguiu instável economicamente e politicamente; assim abriram-se oportunidades para novas greves e debates sobre o futuro, como a possível venda da ilha para os Estados Unidos.

Em 1902, ocorre a erupção do vulcão na cidade de Saint-Pierre no Montagne Pelée, ocasionando uma grande destruição e reduzindo a população, as plantações e moradias. “A densidade populacional da região era alta devido a fertilidade na zona do vulcão e devido à intensa vida social e economia da cidade” (Damato, 1995, p. 75). É de se observar como a tragédia destruiu totalmente a cidade e seus habitantes afetando a economia e o convívio social, pois, “numa só noite desaparecem 30 mil pessoas, um terço da população da ilha” (Damato, 1995, p. 75).

É também válido salientar, para a história da Martinica, o período da Primeira Guerra Mundial. Assim, vemos que neste período, uma pequena parcela de pessoas se beneficiam com a venda de açúcar e do álcool aumentando prodigiosamente a sua economia e acumulação de capital com a queda da produção na Metrópole (França), causada pelos conflitos na Europa. Com a destruição na Metrópole surge, para uma pequena parcela de donos de terras e de proprietários de usinas de açúcar, uma oportunidade gigantesca de comércio e concentração de renda.

Nota-se um crescimento das greves com críticas ao mercado mundial e com a dependência total para com a metrópole. Mas, a partir da França, após a Grande Crise de 1930, formula-se a união complementar da economia da metrópole e colônia aumentando ainda mais a submissão econômica e social na ilha.

Por fim e, não menos importante, no dia 6 de maio de 1946, Martinica torna-se e, continua sendo em 2025, um departamento ultramarino da França. Proposta apoiada pelo deputado da Assembleia Nacional Aimé Césaire, na intenção de tirar o país do status de colônia. Assim, prezava-se a tentativa, por não ser mais colônias, da conquista dos direitos civis da constituição francesa para a Martinica. No entanto, esta proposta passa a ser questionada quando os próprios martinicanos entendem que com este status não

conquistaram e não conquistarão a sua independência política, social e cultural. Pois ainda são e serão dependentes da metrópole.

1.3 Lugar

Assim como o Brasil, a Martinica também foi um país colonizado que gerou, segundo Fanon, “condenados da terra” pelo ocidente. Seja esta condenação geográfica, psíquica ou filosófica.

Os países advém deste mesmo processo histórico que modificou sua terra, sua vegetação, sua cultura e seu modo de viver. A exemplo da exportação da cana de açúcar para a economia local e, no Brasil, a corrida do Ouro; da implementação de novas árvores como a mangueira e novos tipos de alimentação; a aniquilação dos povos indígenas e suas formas de subsistir junto com a natureza (totalmente na Martinica e parcialmente no Brasil, principalmente no litoral); a proibição dos idiomas locais e dos idiomas que surgiram no decorrer do tempo (como as linhas Crioulas no caribe) e outras políticas da colonização que adentraram na cultura dos povos que foram colonizados, como a proibição de terras, a proibição da educação e a lei da vagabundagem.

Também podemos enxergar semelhanças, que nos trazem algumas lembranças e pertencimento de casa, que podem ser recordadas pela geografia, pela vegetação, pela arte, pelo carnaval. Principalmente, pela cultura e pelas relações entre Brasil e Martinica, a exemplo da extrema semelhança da Capoeira Angola com a expressão cultural Ladjá.

Vemos que mesmo longe algo na memória coletiva, na história, na ancestralidade, na arte e na geografia colocam os países um perto do outro. Pois leremos no prefácio escrito por Lilian prestes de Almeida, no livro *O pensamento de Tremor: La cohée du Lamantin*: “Quem chega pela primeira vez à Martinica não vê quase nada de diferente ou de exótico e atravessa de taxi uma baixada que se assemelha à primeira vista da paisagem, à Baixada fluminense ou à Baixada Santista” (2014, p. 12).

Deve-se notar algumas semelhanças históricas, geográficas e culturais com o Brasil que foram ressaltadas em algumas citações de Édouard Glissant em seus livros pois

A América que poderíamos chamar de *Neo-América* e que corresponde a América da crioulação. Essa América compreende o Caribe, o nordeste do

'Brasil, as Guianas e Curaçao, o Sul dos Estados Unidos, a costa caribenha da Venezuela e da Colômbia, e uma grande parte da América central e do México. (2005, P. 16)

Édouard Glissant e Darcy Ribeiro buscam definir em seus livros as características das Américas e como elas foram formadas culturalmente. Darcy Ribeiro nos diz que “surgimos da confluência, do entrelaço e do caldeamento do invasor português com índios e campineiros e com negros africanos, uns outros aliciados como escravos” (1995, p. 19).

Cada um à sua maneira de enxergar o entrelaçamento das diferenças entre os choques dos diversos povos que moldaria esse Novo Mundo, nos leva a imaginar em como a partir da definição das Américas é possível visualizar melhor as relações e os conflitos culturais que ocorreram na Martinica e no Brasil.

Seja os “Brasis” e suas ilhas ou o Brasil Crioulo definido por Darcy Ribeiro ou a Neo-América definida por Glissant nos mostram como estes conceitos analisam a relação perante a dominação no novo mundo e como elas se multiplicam para o novo entre o choque da cultura nativa, a colonizadora e a que migrou para a nova América; seja essa migração forçada pela escravidão ou pelo esforço do Estado para trazer mão de obra barata após a abolição da escravidão.

Vemos que na Neo-América se dá um processo de criação a partir da Relação. É pela falta, pelo abismo que surge a invenção, pois segundo SANTOS, “Todavia, a deriva está atrelada à saudade, por conta das relações construídas nos abismos encontrados. E essas relações produzem metamorfoses, e, nestas mudanças, acontece a inventividade, a criação: poésis” (2019, Pág., 19).

Dado que a América da Crioulização se faz na possibilidade e na vontade de criar porque quando o povo que foi escravizado migra-se lhes restam os rastros de memórias e ancestralidade. Despojados da sua terra e de si, e em contatos com diversas culturas, resta a invenção através da resistência. Glissant nos diz:

O africano deportado não tece a possibilidade de manter, de conservar essa espécie de herança pontuais. Mas criou algo imprevisível a partir unicamente dos poderes da memória, isto é, somente a partir dos pensamentos de rastro/resíduos que lhe restavam: compôs linguagem crioula e formas de arte válidas para todos, como por exemplo a música de jazz, que é re-constituída com a ajuda de instrumentos por eles dotados, mas a partir de rastros/resíduos de ritmos africanos fundamentais. Embora esse neo-americano não cante canções

africanas que datam de dois ou três séculos, ele re-instaura no Caribe, no Brasil e na América do Norte, através do pensamento de rastro/resíduo, formas de arte que propõe como válida para todos (2005, p. 20).

A história, a cultura, a filosofia, tudo que um dia foi apagado, roubado e negado do povo que passou pelo processo opressor da colonização, reverberou na Martinica e, aqui em específico no litoral do Brasil, com a vontade de lutar e de ser livre, de se descobrir como ser humano e de experimentar acontecimentos históricos que também buscavam a liberdade, seja ela física ou mental.

A exemplo da revolução do Haiti que logo depois é cunhada por Césaire como quem pôs de pé o conceito da Negritude como está dito no prefácio escrito por Moore no livro Discurso sobre a Negritude:

Embora ele fosse o mais radical expositor e articulador teórico, Césaire – contrariamente ao que se pudesse pensar – nunca reivindicou para si qualquer tipo de paternidade quanto ao conceito. “Foi no Haiti onde, pela primeira vez, a Negritude se pôs em pé”, diz ele, com modéstia e, também, com extraordinária lucidez (2010, p. 7).

Pensar o lugar entrelaçado no conflito de choques e Relações não hierárquica é imaginar “O Caribe: primeiro um rodopio, uma embriaguez do pensamento e do julgamento, uma necessidade do turbilhão e do encontro, e da concordância das vozes” (Glissant, 2014, p. 83)

É de se observar como o lugar Martinica, esta Neo-América, e o meio social do país pôs os estudantes martinicanos a irem de encontro ao lugar-Europa. Assim puderam observar não só a criação das teorias de seus conterrâneos, mas também colocaram-se num Lugar-comum ao adentrar no conhecimento de que a percepção do véu da assimilação da colônia para com a Metrópole é uma mentira que precisa não ser seguida.

No entanto, a saída para a metrópole, o choque com a chegada no território ocidental e branco e a falta do seu território faz com que o martinicano, ou melhor, o “condenado da terra” que foi colonizado, enxergue como o ser humano branco o define como o ser exótico e animalesco que não pode possuir cultura, moral, religião, que não pode pensar, ser e existir e principalmente o ser humano que não pode criar arte.

A ilha, esta Neo-América, possui sua história como entrada e saída, vivência de lugar *ici-là*⁴, no entre lugar no qual é Metrópole, é Colônia, mas também é África tomada e, por si só um lugar de Relação, com uma ótica de mobilidade, com chegadas e partidas, um lugar aberto de trânsito e, principalmente, um lugar de rastro e ancestralidade.

Janaina Azevedo Bispo discorre, em sua dissertação *La Lézarde de Édouard Glissant: Com palavra, a Memória*, sobre o fato de que a população da Martinica passou por muitas mudanças sejam elas pelas ações da natureza, como a erupção do vulcão, ou sejam elas pelas ações humanas, como o processo de colonização, o extermínio dos povos nativos, a mudança da colonização espanhola pela francesa.

Com a ida e vinda de estrangeiros, Bispo cita: “Cabe ressaltar que, nas colônias, os estrangeiros, vindo de qualquer parte, se impuseram com o auxílio de suas armas” (2018, p. 20). Obviamente a colonização não foi amigável, sem resistência, como nos é contado.

Mas sim, a colonização conseguiu o seu sucesso com a malícia da domesticação a partir da inferiorização do outro, do território do outro, da religião do outro, impondo um modo universal de ser, pensar e estar. Pois segundo BISPO, “Assim, a violência que presidiu o mundo colonial martinicano ritmou as formas sociais negras, destruiu as sentenças de economia da ilha, decidindo sua história em atos exteriores a colônia” (2018, p. 20).

Portanto, é na perspectiva do lugar como uma relação de uma América da criouliização, da história e da geografia que podemos analisar os discursos de intelectuais como Édouard Glissant e como este lugar está num lugar-comum com os povos que passaram pelo processo da escravidão.

Temos que ter ciência também de que a história se faz viva e os intelectuais estavam banhados neste pensamento, neste vento, assim como Fanon, Aimé e Suzanne Césaire, Édouard Glissant, e também, Conceição Evaristo e artistas como Don L, Beth Carvalho, o Cacique de Ramos e os Racionais mc`s.

Obviamente que cada um age politicamente e artisticamente à sua maneira. Mas o que não os difere é o entendimento de uma história que muda através da práxis, de uma

⁴ “A noção de Ici-là é cara ao pensamento de Glissant, que a propõe para representar a simultaneidade ou a coexistência de diferentes lugares, contextos, temporalidades e realidades, invocando a multiplicidade de perspectivas, identidades e experiências que todos constitui, bem como ao mundo que todos integram, na condição de seres interconectados e inter-relacionados em meio à pluralidade de histórias, geografia e culturas”. Ver em **Tratado do Todo-Mundo** (2024, p.15).

história que se cria através da práxis e, principalmente, de que é preciso agarrar-se no vento que leva para a revolução de si e da criação na recusa em morrer.

Logo, enxergar a história, a arte, a política e a cultura da Martinica e de Estados como o Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza e Bahia; é analisar a Relação entre os choques culturais e como há criação na imprevisibilidade. É a partir de Glissant, da sua filosofia da Relação e dos conflitos entre os imaginários, analisado na tese do intelectual Luís Carlos, que veremos a possibilidade de buscar mais uma recusa em morrer. Que o ato de morrer seja minimamente poético e filosófico para quem foi condenado a morrer mas vive na recusa da morte.

2 Édouard Glissant

2.1 Vida e trajetória

Em 21 de setembro de 1928 data-se o nascimento do intelectual Édouard Glissant e assim começa sua trajetória que segue o vento da resistência em prol de uma filosofia emancipatória e da relação.

No ano de 1938, Glissant foi aceito para estudar no Lycée Scheolder em Fort de France, capital da Martinica. É de suma importância salientar que a colonização francesa utilizou-se da escola como o ambiente de controle perante as disputas culturais e criação de imaginários, que no dia-dia construiu-se, na intenção de fomentar a classe média, a partir da metrópole para com o país colonizado. Assim, nota-se como o lugar escola é de extrema importância para preservar a cultura europeia na colônia. No entanto, e no seu tempo, Édouard Glissant segue o vento que reverte/reverteu este ideal e busca pensar numa cultura nacional e na suas relações.

Com isso vemos no filósofo mais um ato de resistência; pois já apaixonado por literatura, e consciente de si e de sua história, funda no ano de 1943, com seus colegas, a revista Franc-Jeu; um espaço para debater cultura, política e literatura na Martinica.

Imagem 1: Grupo Franc-jeu⁵. No centro Édouard Glissant com seu cachinho.



Fonte: <https://edouardglissant.world/lieux/franc-jeu/>. Acesso: 04 de novembro de 2025

Já na sua juventude Glissant encontra-se, diretamente e indiretamente, com intelectuais e artistas que o inspiraram a seguir sua trajetória. Artistas como Wilfredo Lam, Aimé Césaire; como André Breton que passou pela Martinica no êxodo ocorrido por causa da Segunda Guerra mundial que gerou o livro Martinica: encantadora de serpientes. Sua relação com revistas como a *Légitime Défense*, com o movimento da Negritude e do Surrealismo Antilhano acenderam na sua juventude a vontade de sonhar com um novo mundo.

Com seus amigos Maurice Alier, Prisca Jean-Marie e Laurent Ortolé, formou-se uma militância jovem saturada de política, poesia e literatura, como diz Glissant a Jean

⁵ Institut du Tout-Monde. Biographie Glissant – Seunesse 1, Youtube, 5 de agosto de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TaZB1oXJD3E>. Acesso: 6 de novembro de 2025.

Bouvier em 1958. Desta maneira vemos ainda na sua adolescência uma forte vontade de mudança e de percepção de que o imaginário e a cultura do seu país, estavam em falta com ele e com os seus; sejam eles crianças, adolescentes ou idosos.

No ano de 1946, já com seus 18 anos, recebe uma bolsa de estudo e vai estudar na França. O seu primeiro encontro com a metrópole francesa dá-se na faculdade de filosofia na Sorbonne, sobre a orientação de Jean Wahl. Em paralelo forma-se no curso de etnologia no Musée de l'homme.

Seu primeiro ensaio nasce no ano de 1956 denominado como “Soleil de la conscience”. Sua participação no congresso internacional de Escritores Negros na Sorbonne lhe rendeu uma maior aproximação do até então estudante de medicina Frantz Fanon. Já o seu primeiro romance e vencedor do prêmio Renaudot, *La Lézarde*, deságua no mar do mundo em forma de literatura no ano de 1958.

Da mesma forma que outros intelectuais martinicanos e, também, pensadores de outros países, que passaram pelo processo da Colonização Moderna, Édouard Glissant obteve em seu primeiro contato com a metrópole o acesso a toda uma estrutura que o ocidente projetou com andar do que chamamos de Modernidade.

É neste período de fim e total declínio desta máquina da razão, no período Pós Guerras Mundiais, que Glissant, seus antecessores e seus contemporâneos tentam falar do mundo e debater sobre a subjetividade, identidade, revolução e criação de um novo imaginário. A exemplo do manifesto dos 121 que proclamou o pedido de liberdade para a Argélia, no ano de 1960, o qual artistas se juntam em prol da desanexação do país perante a França.

Édouard Glissant volta à Martinica e funda, no ano de 1967, um lycée experimental movimentando a arte e a cultura de seu país. No mesmo período também cria a revista *Acoma* na intenção de debater a cultura caribenha numa mescla de poesia e sociologia.

Sua vida como professor lhe rendeu passagens em faculdades no sul dos Estados Unidos da América, em Baton Rouge, na Louisiana State University. Inspirado sempre nas suas vivências publica, no ano de 1996, o livro *Faulkner Mississippi*. Em 1994, torna-se professor na Universidade Municipal de Nova York.

Sua vida política lhe rendeu um cargo de diretor do correio da Unesco como diretor chefe do ano de 1982 até 1988. É indicado ao prêmio Nobel de literatura no ano de 1992, mas fica em segundo, atrás de Derek Walcott.

Édouard Glissant falece no dia 3 de fevereiro de 2011, nos deixando um vasto pensamento filosófico para pensar e inventar um novo imaginário que preza a emancipação dos povos.

2.2 O imprevisível como resultado da Relação

Glissant nos dá a possibilidade de imaginar uma nova forma de analisar a diferença; com ele podemos pensar uma diferença que não aniquila a alteridade, o outro. A partir do intelectual podemos ver nas diferentes artes e culturas, que existem na sociedade, a resistência e da teimosia, no qual surge a possibilidade de inventar as diversas artes em forma de resistência. Poderemos ver letras como as de Vida loka, parte 2 - Racionais, como expressões artísticas, em forma de resistência e poesia; criada a partir de uma Relação, da memória e da ancestralidade.

Glissant dispõe em suas teorias uma nova forma de analisar o que o ocidente entende como diferente. Partindo para uma crítica a toda uma estrutura ocidental que prega o entendimento do conflito entre os opostos, o filósofo nos dá o entendimento que este disputa, está *Pólemos*, não pode ser uma guerra que prega a aniquilação do outro em busca do universal.

O seu conceito principal é a Crioulização e, com ele, o filósofo busca mostrar a possibilidade de um processo no qual o mundo se encontra em constante choque entre diferentes culturas através da história. O filósofo trabalha a partir do seu conceito uma possibilidade de invenção no presente. Um processo que cria novas culturas que entram em Relação. No entanto, esta criação no presente se dá de maneira imprevisível. Pois,

A crioulização é o meio pelo qual várias culturas distintas, ou seus elementos, entram em contato umas com as outras em determinado lugar do mundo. O resultado é algo inesperado, completamente imprevisível, que emerge do encontro desses elementos heterogêneos. Nesse sentido, é exatamente o que ocorre com a língua crioula (Glissant; Obrist. 2023, p.25)

Desta maneira, para Glissant, a Crioulização existe no direito à diferença, no direito à opacidade e, principalmente, num conflito harmônico entre os diferentes heterogêneos, onde não há hierarquia entre os opostos.

Glissant nos propõe pensar um novo imaginário que nos dá a possibilidade de enxergar através da arte e da cultura, a possibilidade de criar algo imprevisível, no presente, através da Relação. Porque segundo Glissant, “A criouliização exige que os elementos heterogêneos colocado em relação “se intervalizem”, ou seja, que não haja degradação ou diminuição do ser nesse contato e nessa mistura, seja internamente, isto é, de dentro para fora” (2005, pg. 22). Para o filósofo o processo de Criouliização realmente nos dá um resultado, mas este resultado é imprevisível no presente. Por isso é inadmissível comparar a Criouliização com a mestiçagem por exemplo.

Podemos observar que o trabalho do filósofo busca o entendimento de uma realidade que preza pelo uso da diferença, mas que essa diferença seja aceita e, que a alteridade não seja vista de forma hierárquica. Que haja uma luta, um conflito entre os diferentes heterogêneos, mas que jamais aconteça nesta luta uma aniquilação entre os estranhos.

Utilizando-se de conceitos da ciência do caos, o filósofo nos mostra uma tentativa de lidar com os conflitos propostos pelo ocidente que segue a lógica da dualidade que se aniquilam. No inverso disto o intelectual propõe um choque que não é fim para o Outro e nem para o Eu. Pois, é de extrema importância entender e tentar responder uma questão: “como ser si mesmo sem fechar-se ao outro, e como abrir-se ao outro sem perder-se a si mesmo?” (Glissant, 2005, p. 28).

Segundo GLISSANT, “A ciência do caos afirma que existem sistemas dinâmicos determinados que se tornam erráticos” (2005, p. 100). Notaremos que há no intelectual uma crítica ao determinismo científico quando ele é posto para analisar a relação cultural, no qual suas somas entre culturas nos daria algum resultado. Assim, nota-se como no determinismo é utilizado cálculos que no choque entre diversas culturas nos levariam para um erro. Pois,

A ciência do caos afirma que existem sistemas dinâmicos determinados que se tornam erráticos. Em princípio, um sistema determinista tem uma fixidez, uma “mecanicidade”, e uma regularidade de funcionamento; o que a ciência do caos descobriu é que existe uma infinidade de sistemas dinâmicos determinados que se tornam erráticos; ou seja – é esta a minha interpretação – a um dado momento seu sistema de valores flutua, sem que, à primeira vista, saibamos o porquê (...). Os cientistas do caos testam essa noção de sistema determinista errático e a verificam em toda uma série de aspectos e de representações do real. Assim, por exemplo, na imprevisibilidade do movimento das folhas que caem sob a ação do vento, da chuva (na estação das chuvas), ou na

impossibilidade fundamental de determinar o tamanho exato do litoral da Bretanha (Glissant, 2005, p. 101).

Adepto à Ciência do Caos, para falar da Relação, Edouard Glissant, expressa fortemente uma crítica à lógica da dualidade que se aniquila e ao cálculo determinista perante a relação. A Relação, que é diferente de “relação”⁶, entra em ação no choque do mundo e finca-se na memória, na ancestralidade e na oratória para criar no presente, através da Crioulização, algo parecido com o Jazz, com o idioma crioulo, como o samba, como Rap, a Capoeira Brasileira entre outros exemplos. Um processo que através da Relação cultural, da ancestralidade e da memória como rastro gera no presente algo imprevisível assim como se gerou o blues através dos cânticos dos povos que foram escravizados no Sul dos EUA. Pois,

As línguas crioulas são rastros abertos nas águas do Caribe ou do Oceano Índico. O Jazz é um rastro recomposto que ocorreu o mundo. Assim como todas as músicas do Caribe e destas Américas. (...) O pensamento do rastro permite ir às distâncias dos estrangulamentos sistêmicos. Por isso ele refuta todo cúmulo de possessão. Ele fende o absoluto tempo. Ele se abre para esses tempos difratados que as humanidades do presente multiplicam entre si, por seus conflitos e maravilhas. Ele é a errância violenta do pensamento que compartilhamos. (Glissant, 2024. Pag. 16-17).

Portanto, dado a migração forçada na colonização, nota-se que este imprevisível, que se dá através da Relação, não vem puramente do nada, mas sim da preservação da memória pelos rastros/resíduos no decorrer da história. Toda invenção que nasce da Relação carrega consigo rastros de memórias. Pois,

O que acontece com esse migrante? Ele recompõe, através de rastros/resíduos, uma língua e manifestações artísticas, que poderíamos dizer válidas para todos. Por exemplo, uma comunidade étnica do continente americano preservou a memória dos canos entoados nos funerais, casamentos, batismos, que expressam a dor, a alegria, vindos do antigo país de origem, e que são cantados há cem anos ou mais em diversas ocasiões da vida familiar. Ora, o africano deportado não teve a possibilidade de manter, de conservar essa espécie de heranças pontuais. Mas criou algo imprevisível a partir unicamente do poder da memória. Isto, é, somente a partir unicamente dos pensamentos de

⁶ A diferença entre Relação e relação se dá pelo fato conceitual empregado no termo Relação. Como dito no texto a Relação parte de encontros que são principalmente na perspectiva de uma aceitação da alteridade como um rizoma. Trata-se de um encontro no qual há aceitação da diferença e jamais terá uma hierarquização entre os opostos.

rastro/resíduo, que lhe restavam: compôs linguagem crioulas e formas de arte validas para todos, como por exemplo a música de jazz, que é re-constituída com a ajuda de instrumentos por eles adotados, mas a partir de rastros/resíduos de ritmos africanos fundamentais (Glissant, 2005, p. 20).

Assim, é pelo processo da crioulização, que junto da Relação, se faz a possibilidade de criar o novo. É através da Relação que surge como resultado o imprevisível dado pelo processo da crioulização no decorrer da história. É pela Relação da Jamaica com Maranhão que nasce o Reggae brasileiro. Logo, a possibilidade, o resultado, do imprevisível se dá através da Relação para a criação das culturas e das artes.

2.3 Imaginário do Genocídio x Imaginário da Relação

Pensar um imaginário emancipatório e na formação deste imaginário através de uma aceitação do diferente é pensar numa disputa com um imaginário do genocídio que dá o direito de matar e de negar os corpos; principalmente, enxergar como na Modernidade criou-se um imaginário da morte que construiu através do sangue e do poder uma cultura do povo que foi colonizado. Um povo que passou a deter de uma máscara, como diz Fanon no seu livro *Peles Negras, Mascaras Brancas*.

Por fim, enxergar e analisar a partir de Édouard Glissant uma possível relação e invenção emancipatória, um novo imaginário é ter consciência da sua própria história, uma percepção de si e da sua práxis como inventor de um novo mundo.

A disputa entre dois imaginários e como materialmente isto funciona está presente quando o Racionais MC's canta na música Capítulo 4 Versículo 3 a história do Preto Tipo A:

Você vai terminar tipo o outro mano lá
Que era um preto tipo A
Ninguém entrava numa, mó estilo
De calça Calvin Klein e tênis Puma
Um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê
Curtia um Funk, jogava uma bola
Buscava a preta dele no portão da escola
Um exemplo pra nós, mó moral, mó ibope
Mas começou colar com os branquinhos do shopping (Aí já era)
Ih mano outra vida, outro pique
Só mina de elite, balada, vários drink
Putá de butique, toda aquela porra
Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra

Hã, faz uns nove anos
 Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano
 Cê tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto
 Dente tudo zoadado, bolso sem nenhum conto
 O cara cheira mal, as tia sente medo
 Muito louco de sei lá o que logo cedo
 Agora não oferece mais perigo
 Viciado, doente, fodido, inofensivo
 Um dia um PM negro veio embaçar
 E disse pra eu me pôr no meu lugar
 Eu vejo um mano nessas condições, não dá
 Será assim que eu deveria estar?
 Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor
 Pelo rádio, jornal, revista e outdoor
 Te oferece dinheiro, conversa com calma
 Contamina seu caráter, rouba sua alma
 Depois te joga na merda sozinho
 Transforma um preto tipo A num neguinho
 Minha palavra alivia sua dor
 Ilumina minha alma, louvado seja o meu Senhor
 Que não deixa o mano aqui desandar, ah
 E nem sentar o dedo em nenhum pilantra
 Mas que nenhum filha da puta ignore a minha lei
 Racionais Capítulo 4, Versículo 3

Analisando a letra temos que após andar com os “branquinhos do shopping” o “preto tipo A”, que era exemplo, no fim é encontrado como a sociedade, como o imaginário do genocídio o espera encontrar. De certo modo, e se analisarmos melhor toda a diferença social e econômica dos personagens na letra, é possível notar que há uma certa preocupação com quem se anda e com quem se respeita. Um grito de consciência perante o entendimento do Imaginário do Genocídio e como ele leva o colonizado, quando consegue a consciência de si, da sua identidade e do território que está, a perceber como que qualquer pisar em falso, qualquer cor de roupa errada, qualquer gesto errado você pode morrer ou, pior, escutar da sociedade e do imaginário ocidental que sua morte ou sua falha já era esperada.

Segundo SANTOS, “A poética do genocídio é o leitmotiv da cultura moderna ocidental” (2019, p. 19). Após a leitura da tese O poder de matar e a recusa em morrer: Filopoética afrodiaspórica como Arquipélago de libertação, notamos como a Nécropolitica e a Herança da Ideia formulou e formula o imaginário do mundo Ocidental.

A questão formulada pelo ocidente de que a razão universal era única forma de se fazer filosofia parte do entendimento hierárquico de um povo perante ao outro. Enquanto a filosofia demarcada como tradicional buscava o universal fomentava-se conceitos e imaginários em prol da aniquilação do diferente e do Outro que não era ocidental.

Na introdução do seu livro *O ensino de Filosofia e a Lei 10.639*, o filósofo Renato Nogueira nos traz uma epígrafe: “Filosofia é a mais branca dentre todas as áreas no campo das humanidades”. Assim podemos ver que é muito comum ler e escutar, do ocidente, que a filosofia ainda é e deve ser o mais tradicional dos conhecimentos a exemplo dos seus maiores filósofos.

Desta maneira podemos nos espelhar no livro do Renato Nogueira o qual é de suma importância para o entendimento da exclusão dos outros povos e principalmente para analisar como filósofos da modernidade abriram trilha para o que hoje chamamos de Racismo Epistêmico.

Esta herança da ideia pregada firmemente na Modernidade, esta visão do bárbaro na Grécia antiga, no qual o Outro era o não cidadão, é visível, como um eco no presente, quando lemos hoje um dos maiores filósofos do ocidente, Kant, que diz no seu livro “Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que eleve acima do ridículo. (...) Os negros são muitos vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores que se deve dispersá-los a pauladas” (1993, p. 75-76) ou quando outro clássico alemão, Hegel, nos diz “a principal característica dos negros é que a sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis. (...) negro representa, como já foi dito, o homem natural, selvagem e indomável. (...) neles, nada evoca a ideia do caráter humano” (1999, p. 83-86).

Buscar mais exemplos, que são muitos, jamais será a intenção deste trabalho que preza mostrar a resistência, mostrar que conhecemos como o ocidente buscava um saber universal e propagou através do racismo e da máquina da morte a sua própria cultura perante as outras. Uma cultura atávica que vai ao encontro da outra como uma espada que vinca no coração na esperança de aproveitar o poder e o reinado cultural.

No entanto, pensar a partir de Glissant com o seu conceito de Crioulização, e de intelectuais como Luís Carlos Ferreira dos Santos, Milton Santos, Renato Nogueira e Diva Barbaro Damato; pensar arte e artistas como os Racionais Mc’s, Don L, Jorge Aragão e Beth Carvalho é fundamental para pensarmos como esta Herança da Ideia e a Necropolítica forma este Imaginário do Genocídio, em confronto com um Imaginário da Relação e emancipatório. Este poder e vontade de matar faz-se inútil quando a resistência se coloca, mesmo em prantos, no afeto e na vontade de viver. Assim surge, mesmo perante ao caos e a morte imposta pelo ocidente, arte, beleza e afeto.

Segundo SANTOS, “A resistência é uma constância dos africanos e afrodescendentes. As dores produzidas pela violência da transparência que atua com o

poder de matar solidificou-se nos corpos afros” (2019, p. 178). É de se perceber que o ocidente, como projeto intencional ou não, fomentou uma tentativa de morte para com os povos considerados não humanos ou inferiores. Assim, tentou-se apagar a história, a subjetividade, a cultura e a arte através do ferro, do fogo, do sangue e da indústria.

No entanto a cultura e a arte como rastro ecoou e ecoa como forma de resistência perante a morte e a sua tentativa de aniquilação. “A modernidade europeia instaura um imaginário acerca da experiência africana que é de pobreza e destruição (...) O território africano sempre foi da terra do ouro e de intensas trocas comerciais” (Santos, 2019, p. 174).

O que conhecemos como África e com seus descendentes afro-brasileiros e caribenhos, está principalmente ligado ao imaginário do Genocídio construído pelo ocidente na intenção de conquistar o novo mundo e domesticar os povos em prol da aventura pirata, da economia e do lucro. Em conflito com o Imaginário da morte criado pela herança da ideia e pelo direito de matar supostamente dado pela Necropolítica, impõe-se como o sol o Imaginário da Relação; como um alicerce que sustenta o ser condenado numa terra que não foi feita para ele, mesmo essa terra não tendo dono, pai ou mãe.

Em forma de resistência e como, segundo SANTOS diz, “uma recusa em morrer”, o imaginário da Relação da a possibilidade de criar, de inventar, para que em forma de revolta e alegria os povos que foram colonizados encarem a morte e consigam fazer poesia e dar afeto mesmo marcados para morrer.

É a partir do imaginário da Relação e da percepção de si e da sua identidade que surge a possibilidade de cantar gritos da liberdade como os da canção Zé do carço, de Leci Brandão

No serviço de auto-falante
Do morro do Pau da Bandeira
Quem avisa é o Zé do Carço
Amanhã vai fazer alvoroço
Alertando a favela inteira
Como eu queria que fosse em Mangueira
Que existisse outro Zé do Carço
Pra dizer duma vez pra esse moço
Carnaval não é esse colosso
Minha escola é raiz, é madeira
Mas é o Morro do Pau da Bandeira
De uma Vila Isabel verdadeira
Que o Zé do Carço trabalha
Que o Zé do Carço batalha
E que malha o preço da feira
E na hora que a televisão brasileira
Distrai minha gente com a sua novela

É que o Zé põe a boca no mundo
É que faz um discurso profundo
Ele quer ver o bem da favela
Está nascendo um novo líder
No morro do Pau da Bandeira
Está nascendo um novo líder
No morro do Pau da Bandeira

Portanto, o Imaginário da Relação que fomenta a resistência a partir dos encontros das culturas, das memórias e da ancestralidade dita a vontade de viver para um povo que teve a sua certidão de óbito redigida antes da data de nascimento.

Em prol de uma filosofia emancipatória, longe de conceitos que aniquilam o diferente, Édouard Glissant propõe para o mundo uma forma de analisar não só o estranho, o bárbaro, mas nos dá uma possibilidade de pensar uma utopia que cria a partir do que nos falta, do que foi retirado a força, a partir de uma relação entre os diferentes que não se aniquilam e não são hierárquicos.

Vemos em Glissant que do vazio, do porão do primeiro navio negreiro, também fez-se a possibilidade de reinventar, de inventar e criar arte e cultura. É do abismo, da falta, da Barca Aberta e da Relação que nasce o novo em conflito harmônico com as diversas culturas já existentes. Pois

O aterrorizante vem do abismo, três vezes amarrados ao desconhecido. Uma primeira vez, inaugural, quando você cai no ventre da barca. Uma barca, segundo sua poética, não tem ventre, uma barca não engole, não devora, uma barca toma a direção do céu pleno. Mas o ventre dessa barca te dissolve, te atira num não mundo em que você berra. Essa barca é uma matriz, o abismo-matriz. Que gera teu clamor. Que também gera toda unanimidade futura. Pois se você está sozinho nesse sofrimento, você compartilha o desconhecido com algumas pessoas que você ainda não conhece. Esta tua barca é tua matriz, um molde, que, no entanto, te expulsa. Grávida de tantos mortos quanto de vivos em suspenso (2021, p. 30)

Assim, é contra o imaginário do genocídio, e através da Relação, que podemos salientar um novo imaginário emancipatório que trata uma arte e uma cultura que é resistência no presente e também é uma forma de preservar o passado e o futuro. É pelo imaginário da relação que teremos a possibilidade de sobreviver no inferno cantado no

álbum, Sobrevivendo no Inferno, dos Racionais Mc's; fazer poesia e falar de afeto mesmo com um alvo nas costas ou com o Cristo Redentor de costas e de braços fechados para todos nós.

3. Liberdade

Essa terra que eles chamaram de El Dorado, nós
mesmos chamaremos de Liberdade – Urias

3.1 Abismo



Figura 2 – Obra de Arjan Martins, “Estrangeiro I”, 2017. Fonte:

<https://www.premiopipa.com/pag/artistas/arjan-martins/>. Acesso em 28/10/2025

Édouard Glissant, começa o seu livro, *Poética da Relação*, elaborando uma metáfora que nos mostra como o navio negreiro agiu como uma barca aberta que, junto com o mar, carregou os corpos vivos ou mortos dos povos que foram escravizados. Mesmo vivos, a dor pela retirada da dignidade quando se é jogado num porão ou no fundo do mar é inabalável para o ser humano que foi demarcado como o animalesco e jogado no obscuro.

“O que é petrificante na experiência de deportação dos africanos para as Américas é, sem dúvida, o desconhecido, enfrentado sem preparo ou desafio” (Glissant, 2021, p. 29). A retirada forçada do seu país natal, a retirada da sua subjetividade, da sua linguagem, de seus deuses, da sua história e o exílio brutal foram agressões, além das físicas, que permearam o período pré, o durante e o pós dos “condenados da terra” e que geraram os traumas nos povos que foram escravizados pois “o aterrorizante vem do abismo” (Glissant, 2021, p. 30). Mas o abismo não tem fim porque os filhos e netos dos que estavam no porão também foram condenados a outros e novos porões que geraram magoas, problemas psicológicos, sociais, políticos e culturais até os dias de hoje.

Jogados à força no limbo para encarar a aventura pirata e econômica do Ocidente, os povos encontram no navio negreiro o primeiro choque de relação cultural, mas também o sentimento de vazio e de tristeza. De certa forma, estes sentimentos, a literatura - a arte no geral -, é capaz de traduzir muito bem quando, hoje, tentamos imaginar e, possivelmente sentir, o que se passou dentro de um navio negreiro. Assim como o personagem Papai Longoué transmitiu, através da oralidade, a história da escravidão, a resistência dos seus ancestrais e a cultura do seu povo para Mathieu Béluse, no livro *Quarto século*⁷, de Glissant. Uma história que o personagem mais jovem, que era acadêmico, jamais encontraria nos livros da sua faculdade ou, melhor, na história universal e ocidental. Uma volta ao próprio passado como se o mais velho fosse o Griot e o mais o novo o sucessor para com a luta e proteção do seu povo e da sua cultura.

Contemporaneamente é compreensível tentar imaginar os acontecimentos que serão resgatados pelos rastros das memórias, por suas ancestralidades, através da arte, da cultura e da oralidade. É notório entender que somente o texto escrito, principalmente o

⁷ Romance de Édouard Glissant publicado em 1964. O livro continua a narrativa de dois personagens, papai Longoué e do jovem estudante, Mathieu Béluse. O jovem estudante busca o mais velho, o quimboiseur, para que lhe conte a história dos seus antepassados através do conhecimento oral. Um conhecimento que o jovem não adquiriu na faculdade da metrópole.

ocidental, não acessa e liberta o imaginário da mesma forma que a união entre a escrita e a oralidade. Pois em qual texto podemos sentir e imaginar estes acontecimentos como se fosse parte de nós?

O vômito, a carne viva, os piolhos em profusão, os mortos caídos, os agonizantes apodrecidos (...) a embriaguez vermelha das subidas na ponte, a rampa para subir, o sol negro no horizonte, a vertigem, o clarão do céu chapado sobre as ondas. Vinte, trinta milhões, deportados por dois séculos e mais. A usura, mais duradoura do que um apocalipse (Glissant, 2021, p. 29)

Jogado no abismo e sem o seu modo de transmitir conhecimento, a oratória, e agora, sem a sua paisagem e história, o colonizado encontra-se em constante melancolia e solidão compartilhada com os diversos outros indivíduos que foram arrancados da sua terra fértil no processo da colonização e deportados a força para o Novo Mundo no navio negreiro.

Segundo Glissant, o colonizado encontra-se três vezes encontra-se no abismo. A queda no porão, no ventre que faz nascer num novo desconhecido e agonizante ao atravessar o mar e encontrar o lugar que não é seu. O próximo abismo: o mar. O desconhecido e móvel que balança como lugar de descarte, de profunda solidão e de medo. O último abismo mostra o que ficou para trás após a travessia. O olhar nostálgico para a imensidão do mar que gera solidão e resgata o que foi perdido, o que foi tomado à força pela aventura inventada pelo ódio e pela morte. ““Salve, velho oceano!” Você conserva em tuas cristas o barco surdo de nossos nascimentos, teus abismos são nossos próprios inconscientes, arado por memória efêmeras” (Glissant, 2021, p. 31).

Portanto, pensar em abismos e vazios é imaginar como a depossessão é causadora de sentimentos e traumas que afetam o passado, o presente e possivelmente um futuro. Diva Damato nos traz algumas formas de depossessão, em seu livro, formas de depossessão que mostram como a retirada do espaço de um povo é capaz de levar a um sentimento de vazio e de não pertencimento a si.

3.2 Depossessão do espaço

Pensando numa Relação em que a natureza e cultura estão em comunhão para que se faça uma identidade do sujeito para criar uma consciência de si, devemos entender que a retirada forçada do país natal é uma falha no caminhar cultural de um povo. Pois, segundo SODRÉ,

Para todo e qualquer indivíduo da chamada “periferia colonizada” do mundo, a redefinição de cidadania passa necessariamente pelo remanejamento do espaço territorial em todo o alcance dessa expressão (2002, p. 19)

A retirada do lugar, do território, também é a retirada da vida. Tira-se não só a terra mãe, mas também toda relação com o ancestral, com a natureza e com seu local de nascença. Um povo que foi obrigado a inventar um novo modo de viver e de sobreviver num espaço-lugar desconhecido.

Segundo DAMATO, “a África permanece vagamente no imaginário como a terra-mãe em cujo ventre todos os problemas seriam resolvidos” (1995, p. 149). A nostalgia do antigo território e a angústia do desconhecido jogaram os “condenados da terra” a viverem sem sua cultura para criarem uma nova em Relação entre os que se encontraram no novo mundo. Como retornar para a terra-mãe? Esse desejo gerou fugas e resistência que ficaram gravadas na memória.

A retirada, a de posseção do lugar, tirou a vida e a interação natureza/ser humano para impor uma motivação que era puramente econômica em prol da acumulação. Tirando a possibilidade de um sentimento de existência de um povo que foi condenado a viver num processo colonial marcado pela dor, pelo sangue e pela dominação. Pois, “assim como essa terra não é o espaço ancestral, ela também não é o espaço possuído” (Damato, 1995, p. 151).

A modernidade ocidental cria o sujeito e separa-o da natureza. Este modo de se relacionar impõe uma hierarquia humana perante o outro que é supostamente inferior e a natureza que vira objeto para ser explorado. Determinar o que é objeto e quem é objeto também passou a ser comum. Assim o ocidente caminha para o desenvolvimento e propõe a utilização da natureza e do diferente para conseguir alcançar as suas aventuras intelectuais, econômicas e políticas.

DAMATO nos diz, “o problema da deposeção do espaço e essa nova poética se articulam a partir de uma redefinição da função da paisagem” (1995, p. 154-155). A retirada do espaço e a utilização da paisagem como mero espectador que será utilizado

somente como matéria prima e, não como agente da história e da subjetividade de um povo, é a retirada da vida dos que foram colonizados. Seus descendentes sofrem até hoje para inventarem novos modos de estar e viver nos espaços.

Assim, podemos entender que, mesmo com a deposição do espaço posta por Damato, ainda surge a possibilidade, no decorrer da história a criação de espaços e comunidades como os quilombos, bailes charmes, bailes funks, rodas de rap e religiões de matrizes africanas na tentativa de sobreviver num território desconhecido. Inventam-se resistência e arte num lugar que o “condenado da terra” aprendeu a viver, a se revoltar e a morrer. Mas, principalmente, a amar e a fazer arte.

Os rastros da memória dos antepassados reverberam no presente em forma de cultura e pertencimento. Tira-se o lugar, a vida e a esperança. Mas, ainda, mesmo no desconhecido e fora do seu lugar, o povo colonizado sorri quando joga a capoeira ou quando samba no carnaval de rua.

A angústia reverbera-se em esperança e criatividade para sobreviver e ser feliz. O não pertencimento, toda retirada da sua forma de viver e da ontologia que a terra-mãe lhe deu paradoxalmente foi munição para a invenção do viver num lugar inventado para o colonizado morrer.

Hoje seus filhos fazem arte, cantam, escrevem, são intelectuais e gritam que a terra desconhecida é sua. Buscam na memória e em conceitos como a Negritude e a Crioulização maneiras de pertencimento. Buscam nos filmes e nas músicas, nos terreiros e nas histórias dos seus avós, uma terra-mãe tão distante que só o rastro de memória, a ancestralidade, a arte e a cultura podem alcançar.

3.3 Da assimilação à felicidade

Jogado no abismo, no vazio, o “condenado da terra” busca a assimilação para ter o sentimento de pertencimento. O desejo e a vontade é torna-se branco e ocidental na tentativa de escapar da sua melancolia.

No livro *Pele Negra, Mascaras Brancas*, Franz Fanon nos diz que “os negros são comparação” (2020, p. 221). Esta afirmação é relevante para entendermos a perspectiva de criação e formulação do imaginário para com o ser, estar ou se enxergar como humano. Segundo FANON, “ser comparação significa que, a todo momento, eles se preocupam

com a autovalorização e o ideal do ego. Toda vez que estão em contato com o outro, surge questão do valor, do mérito” (2020, p. 221).

Segundo MÉNIL, “Soy para él extranjero, como él es para mí extranjero: tiene para mí una visión exótica y yo tengo de él una visión exótica” (2005, p. 23)⁸. Assim, vemos que esta relação entre o Eu e o Outro, este choque/encontro do Eu com o Outro é de suma importância para o entendimento de como o vazio cria uma espécie de espelho em busca da metrópole para que o colonizado assim, no trauma, possa ignorar a tristeza e melancolia. Porém, este mesmo espelho joga para uma exotificação no contexto de opressão colonial, a qual a metrópole julga quem é superior ou inferior ditando e dando a chave para essa caixa do humanismo ocidental e moderno. A inferiorização de si mesmo perante o entendimento de que esse espelho jamais reflete o real e o alcançável. Pois segundo MÉNIL, “Yo soy “exótico para mí”, porque mi mirada de mí mismo es la mirada del blanco vuelta mía después de tres siglos de condicionamiento colonial” (2005, p. 25).⁹

Um humanismo demarcado por uma tinta branca que derrama o sangue do outro que é considerado exótico porque não há o direito da diferença, ignorando uma Relação que dar-se com o Eu e com o Outro sem se perder e sem aniquilar o Outro.

Segundo MÉNIL, “En suma, el antillano que es producto de las manos de la colonización, de las manos de la madre colonial, es el hombre que há perdido su consciencia, que ha perdido su alma, su personalidad” (2005, p. 47)¹⁰.

Para a colonização não bastou somente invadir territórios e conquista-los à força e sangue; este processo, em sua grande parcela, impôs traumas psíquicos e, principalmente, induziu à força processos de inferiorização. Tais processos determinam o que é história da arte ou estética, determinam quem cria arte e quem pode fazer arte. Da mesma maneira, Determinam uma paternidade para esquemas filosóficos através de uma cultura atávica que buscava avançar com sua cultura universal aniquilando as outras.

Desta forma, ainda com inspiração na tese do professor Luis Carlos Ferreira Santos, nasce a vontade de encontrar o que falta. Como para Glissant, “utopia não é um objetivo nem uma meta. Também pouco é um sonho. A utopia é o que nos falta neste

⁸ Sou para ele estrangeiro, como ele é para mim estrangeiro: Tem de mim uma visão exótica e eu tenho dele uma visão exótica – **tradução minha**

⁹ Eu sou “exótico para mim”, porque minha percepção de mim mesmo é a percepção do branco para comigo por três séculos de condição colonial- **Tradução minha**

¹⁰ Em suma, o antilhano que é produto das mãos da colonização, das mãos da mãe colonial, é o homem que perdeu sua consciência, que perdeu sua alma e sua personalidade- **Tradução minha**

mundo” (2023, p. 45). A disputa por um imaginário é fundamental para entendermos a resistência contra o colonial na criação artística.

A recusa em morrer perpassa pela vontade e pelo poder da palavra daquele que foi oprimido pelo processo colonizador. Percebe-se que a assimilação é mais um mecanismo de um imaginário da morte. O “condenado da terra” busca continuar vivo através do resgate da história, da sua maneira de viver, sua forma de estar, de se comportar num novo e possível humanismo no qual as diferenças partem de uma lógica de não hierarquia. É de se entender que a percepção do problema e a tentativa de resolver não é fácil e nem rápido, mas na recusa em morrer se faz a possibilidade de pensar numa utopia que cria.

Da utopia que se faz resistência e felicidade. A recusa em morrer e do choque no vazio que está a possibilidade de criar; é pela possibilidade de criar que ainda há vontade, força e desejo de resistir em períodos de guerra e de domínios fascistas e nazistas. Aimé Césaire responde o ocidente e seus crimes, na recusa em morrer, com o seu Discurso sobre o colonialismo. A revista *Trophiques* responde, na recusa em morrer, a carta do tenente da marinha Bayle, a qual, na carta, está proibindo uma publicação da revista no, ano de 1943, numa Martinica sobre o governo de Vichy, no período da “dissidência”¹¹, num departamento francês que tinha uma França tomada pela Alemanha nazista.

Fort-de-France, 12 de maio de 1943

Ao Sr. Tenente da Marinha Bayle

Senhor,

Recebemos o seu libelo contra *Thopiques*.

“Racistas”, “sectários”, “revolucionários”, “íngratos e traidores da pátria”, “envenenadores de almas”, nenhum desses qualificativos nos repugna essencialmente.

“Envenenadores de almas” como Racine, nos dizer dos senhores de Port-Royal.

“Íngratos e traidores da nossa tão boa pátria” como Zola, no dizer de imprensa reacionária.

“Revolucionários” como Hugo dos “Châtiments”.

“Sectários”, apaixonados como Rimbaud e Lautréamont.

¹¹ Ver **A grande camuflagem**: Escritos de dissidência (1941-1945) de Suzanne Césaire

“Racistas”, sim. Do racismo de Toussaint Louverture, de Claude Mac key e de Langston Huges – contra o racismo de Drumont e de Hitler.

Quanto ao resto, não espere de nós nem defesa, nem vãs recriminações, nem mesmo discussão.

Não falamos a mesma linguagem.

Assinado: Aimé Césaire

Suzanne Césaire

Georges Gratiant

Aristide Maugée

Réne Ménil

Lucie Thésée

Portanto, pensar no processo dos abismos e na assimilação é analisar como na melancolia e na tristeza ainda se faz felicidade. Pois,

O sofrimento causado pelo projeto racista, paradoxalmente, é utilizado como leitmotiv para a recusa em morrer (...) os africanos e afrodescendentes marcados pela experiência da melancolia africana, renascem dos projetos de aniquilação” (Santos, 2019, p. 170).

Na tentativa de recriar a vida cria-se arte. O processo de Crioulização da, no presente e no imprevisível, exemplos de artes como o Jazz, o Blues, o Rap e podemos analisar a partir de, Amiri Baraka, como este processo dá-se através de “atitudes” e, também, principalmente, através da Relação imaginário e criação artística. Imaginário e materialidade.

A música é fruto da atitude, da postura. Assim como os Negros fizeram o blues, e não outra gente, por causa da maneira peculiar do Negro de ver o mundo. Uma vez que essa atitude seja delineada como contínua filosofia social, entretanto em constante evolução, diretamente atribuível à maneira como o Negro reage à paisagem psicológica que é seu entorno ocidental, a crítica da Musica Preta se aproximará de desenvolver uma estética tão consistente e válida quanto a crítica em outros campos da arte do ocidente (Baraka, 2023, p. 37).

Assim, é a partir da percepção, de uma atitude, que o artista inventa a sua arte e sua resistência perante a morte. É do entendimento de que a música e o improviso do Jazz são notas que significam mais que uma linguagem musical entre acordes, mas sim uma parte da psique negra; uma filosofia emocional contida que, segundo Bakara (2023), nasce a “nova música”. O novo é inventado por resistência, pela Relação e pela recusa em morrer. Recusa-se morrer literalmente, recusa-se ver a arte morrer como Alcione canta em sua música não deixe o samba morrer.

Dá-se no novo, através da Relação, a urgência do nascimento do Jazz e da introdução da guitarra elétrica e dos solos do saxofone e da bateria suave. Dá-se na urgência da aplicação da música eletrônica, dos samples, junto com a voz para gritar sobre a consciência das comunidades de São Paulo; nasce o Rap brasileiro. Dá-se na urgência de festejar no alto do morro e nasce o samba carioca.

A necessidade dos que nos falta, do novo é uma recusa em morrer perante o ato de inventar. É da recusa em morrer que nasce cantoras como a Liniker. Que nasce o Fundo de Quintal. É da recusa em morrer que nasce “tristeza não” canção de Don L.

Uh, tristeza não
Corre, anda, rasteja
Uh, tristeza não
Eu já chorei demais, quero minha paz
Eu já falei pa carai, cê num entendeu? Vai, vaza
Num curtiu, vai lá e faz (quero ver)
Sai do Wi-Fi pra encarar o pai
Ah, e eu sou de guerra
Mermão, pega a visão, não on-line
Robô, pelo amor, me erra, bom pai
Me ajude a navegar nessa era de trevas
Nova idade média
Big techs roubando seu tempo
Pega tss, pega tss (otário)
Deep fakes, bet, bet, bet (ow, bet)
Agora o pilantra nem sai de casa
Pra trombar o mané e dar um match, match, match (e o seu, hein?)
Ou vet, vet
Eu quero fazer meu rolê e o mundo é complexo
Tem mané que pensa que CPX é (quê?)
Tem que ser muito prego
É a porra de uma selva
E cê quer uma selfie
É uma alcateia e cê joga pro universo
Só num esquece: Me inclua fora dessa
Dá o papo
Me dá meu copo, que a vida é pra já
Me tromba no off, na estica, no style
Hoje de manhã eu quase não quis levantar
Mas tô aqui, carai
E vou fazer virar

Cê num tem noção
 Se eu não consegui me derrubar, cês não vão
 Uh, tristeza não
 Uh, tristeza não
 Corre, anda, rasteja
 Uh
 Malandragem pra não ir de arrasto
 Malandragem pra não, pra não ir de arrasto
 E viva
 Quero ver sua skin de bandida
 A gente cria o estilo de vida
 Eles vêm e imita
 Querem uma mídia, mas não fica igual
 A gente é cria, a gente cria, eles copiam
 Depois vem me vender e dizer que eu tô em dívida (cara de pau)
 Tô chei de ódio, mas eu posso amar (quem merece)
 Seus opioides não vão me privar (o que me interessa)
 Seus holofotes não mais me distraem (saquei o método)
 Seus oligarcas vão queimar no inferno
 Me dá meu copo, que a vida é pra já
 Me tromba no off, na estica, no style
 Hoje de manhã eu quase não quis levantar
 Mas tô aqui, carai
 E vou fazer virar
 Cê num tem noção
 Se eu não consegui me derrubar, cês não vão
 Uh, tristeza não
 Uh, tristeza não
 Corre, anda, rasteja
 Uh, tristeza não
 Malandragem pra não ir de arrasto
 Tristeza não
 Malandragem pra não, pra não ir de arrasto (Don L- TristezaA Não)

É na recusa em morrer e na melancolia de ver o Estado do Rio de Janeiro matar mais de 100 pessoas em uma operação da polícia que, paradoxalmente, nasce a arte, a cultura e a felicidade em forma de resistência mesmo marcado para morrer. Segundo SANTOS, “a libertação encontra-se na possibilidade dos choques, do processos, na deriva, o que almeja é a felicidade, acessá-la” (2019, p. 222). A felicidade paira em nós, “soldados do imaginário”, em prol da recusa em morrer de um povo que aprendeu a viver no berço da morte.

Conclusão

O conflito entre o Imaginário da Relação e o Imaginário do Genocídio é fundamental para o entendimento de como uma sociedade se identifica. Édouard Glissant, junto com Luís Carlos Ferreira Dos Santos, nos leva a pensar um novo mundo e uma nova

poética a partir da Relação e de uma crítica à busca feroz pelo universal, na recusa pelo genocídio. Pois, segundo SANTOS,

A disputa pelo imaginário produz uma crítica à violência do racismo a partir da ideologia e da utopia. A importância da discussão acerca do imaginário cultural dá-se no regime de perpetuação da necropolítica, seja em regimes totalitários ou democráticos. No imaginário paradoxalmente, constrói-se a resposta criativa para a superação da cultura da morte, encontra-se potência para a recusa em morrer (2019, p. 195)

Pensar numa filosofia emancipatória e na recusa em morrer num lugar onde o direito e a escolha de quem pode ou não viver é a base do Estado é estar em constante alerta e, paradoxalmente, feliz em forma de resistência política, estética e intelectual. Pensar a partir da Relação dá-se na recusa em morrer.

A Crioulização e a Relação nos leva a imaginar um possível mundo no qual a Relação entre os diferentes não chega ao nível da aniquilação e da morte. O Outro não estará com um alvo nas costas por conta da sua religião, nacionalidade, etnia, cor, sexualidade; ou seja, ser diferente não deve ser motivo para morrer.

Desta maneira, é a partir da análise e de apoio em intelectuais como Édouard Glissant e Luis Carlos dos Santos que podemos imaginar uma Relação em prol da resistência para continuar vivo e ter vontade de continuar vivo. Não é importante só estar vivo, mas querer viver.

Vemos que a luta, a guerra, contra o Imaginário do Genocídio parte do vazio e da Relação na intenção e na teimosia de continuar vivo. Imaginar um novo mundo a partir da invenção artística e cultural é uma recusa em morrer. Escrever intelectualmente na academia num Estado que não oferece educação básica de qualidade é uma recusa em morrer. Ser artista quando o que lhe deram foi o mercado de trabalho ou um sofá para subir, na cabeça, alguns andares é uma recusa em morrer. Ser poeta mesmo depois de perder amigos para o crime, para a cadeia e para morte é uma recusa em morrer.

Portanto, o Imaginário da Relação se dá a partir da invenção artística e da Relação entre as culturas existentes de uma forma que preza a harmonia e rejeita a hierarquia. Na linha da história nasce o Blues dos cânticos dos povos que foram escravizados e em forma de resistência surge a música e a batida dos pés como ritmo.

O tempo traz na Relação a capoeira, o jazz, o funk, o samba, o rap, a feijoada e assim forma-se cultura e resistência. Hoje, em 2025, da recusa de morrer nascem bandas como os Garotin, com o seu culto que vai do Soul à música gospel e, da recusa perante a morte, nasce alegria, coro e dança.

O desvio da Necropolítica e da Herança da Ideia é recusar-se a morrer na teimosia de não aceitar a morte mesmo ela andando com todos desde o ventre. Saber diferenciar uma arma pelo barulho e mesmo assim ser poeta e querer a paz ao invés de guerra é uma recusa em morrer. O direito de matar que o Estado prega contra os corpos negros e indígenas recebe como resposta a teimosia da recusa da morte em forma de resistência na arte, na cultura, no sorriso alegre e na espera pelo carnaval.

Don L e Rael cantam na música Primavera uma recusa em morrer, pois, “há quem endureça sem nunca perder a ternura”. Desta forma, a resposta está dada e como Marighella diz: “Não há tempo de ter medo”.

Mesmo marcado para morrer é na resistência, na Relação e no afeto que inventa-se a arte e a vontade de viver para que a marca da morte e o cheiro de sangue seja lavado pela felicidade e por poesia. Há vontade de viver quando Don L canta em Primavera que renascemos como as flores após o outono depois de uma batalha no concreto.

Que mundo errado que nos separou de nós
Eu nunca soube reparar as estações
Nessa de cê não poder parar
Sem sentir ficar pra trás
Uma temporada ou mais
De desilusões
Na luta pra ninguém silenciar nossa voz
Voltamos a falar dos sonhos pelas manhãs
A nossa terra fértil foi vencendo o concreto
O nosso reflorestamento erguendo-se em fé
E eu
Eu que sou de onde a miséria seca as estações
Vi a primavera
Florescer entre os canhões
E não recuar (lararara rara)
Eu que sou de guerra
Dei o sangue na missão
De regar a terra
Se eu tombar vão ser milhões pra multiplicar (lararara rara)
A única luta que se perde é a que se abandona e nós nunca
Nunca abandonamos luta
Nunca nunca
Hay que endurecer sem nunca sem nunca perder a ternura
Meu swagg, meu estilo, eles não vão ter
Nunca, nunca
Lararara rara
A guerra que nos reaproximou de nós

É a mesma que me pôs a repensar meus sonhos
O quanto neles era só publicidade?
Fazendo acreditar que eram meus próprios planos
Medo de fazer meus próprios planos serem
Nossos planos mesmo que eu tombe antes de vê-los
Agora vendo florescerem
Inevitavelmente eu sei que estarei lá
No dia que eles finalmente cheguem
Um dia desse eu tava meio cabreiro
Sem saber o que pode me acontecer
E não ver o fruto que eu plantei em algum janeiro
Mas tive um relampejo de que já estão aí
E a gente pode ser feliz agora mesmo
Apesar da batalha, o pente cheio
As tecnologias ancestrais nós temos
Pra induzir o sonho dentro de um pesadelo
Entre um traçante e outro
Dilatar o tempo e imaginar um mundo novo
Eu que sou de onde a miséria seca as estações
Vi a primavera
Florescer entre os canhões
E não recuar (lararara rara)
Eu que sou de guerra
Dei o sangue na missão
De regar a terra
Se eu tombar vão ser milhões pra multiplicar (lararara rara)
A única luta que se perde é a que se abandona e nós nunca
Nunca abandonamos luta
Nunca, nunca
Hay que endurecer sem nunca sem nunca perder a ternura
Meu swagg, meu estilo, eles não vão ter
Nunca, nunca
Lararara rara
Lararara rara
Lararara rara
Lararara rara

A invenção artística, a música, dá-se a partir do Imaginário da Relação e assim cria-se vontade de viver e felicidade. Cria-se comunidade e pertencimento para um povo que foi subjugado à morte desde que nasceu. É da música que nasce a oportunidade de vivenciar experiências de afeto, união e resistência. Da arte se faz criação de espaços em shows no qual festeja-se a vontade de viver em conjunto com seus iguais. Da música dá-se a vontade de dançar, de cantar, de fazer amigos e construir família. É da experiência da música em forma de resistência contra a vontade de morrer que surge a recusa em morrer e o pertencimento de si e da sua comunidade. Pois segundo SOME,

Quando você não tem comunidade, não é ouvido; não tem um lugar e, que possa ir e sentir que realmente pertence a ele; não tem pessoas para afirmar quem você é e ajuda-lo a expressar seus dons. Essa carência enfraquece a psique, tornando a pessoa vulnerável ao consumismo e a todas as coisas que o acompanham (2007, p. 35)

Bibliografia

- BARAKA, Amiri. **Black Music: Free jazz e consciência negra 1959-1967**. São Paulo: Sobinfluência, 2023.
- BERGÉ, Pierre; POMEAU, Yves; DUBOIS-GANCE, Monique. **Dos Ritmos ao Caos**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- BISPO, Janaina. **La Lézarde de Édouard Glissant: Com a palavra, memória**: 2018. Dissertação (Pós graduação em Literatura e cultura- PPG/litCult) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018
- BRETON, André. **Martinica: encantadora de serpientes**. Editor digital: Titivillus, 2019.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da costa editora, 1978.
- DAMATO, Diva Barbaro. **Édouard Glissant: poética e política**. São Paulo: ANAMBLUME, 1995.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editoria, 2020.
- GLISSANT, Édouard. **El discurso Antilhano**. La Havana, Cuba: Fondo Editorial casa de las Américas, 2010.
- GLISSANT, Édouard. **Filosofía de la relación: Poesía em extensión**. Bueno Aires: miluno Editorial, 2023.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da Diversidade**. Juiz de fora: Editora UFJF, 2005.
- GLISSANT, Édouard. **O pensamento do tremo: La cohée du Lamentin**. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014.
- GLISSANT, Édouard. **O quarto Século**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A, 1986.
- GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- GLISSANT, Édouard; OBRIST, Hans. **Conversas do arquipélago**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.
- HEGEL, Georg W. **filosofia da História**. Brasília: UnB, 1999.

KANT, Emmanuel. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime**. Campinas: Papirus, 1993.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento: modernidade, império e colonialidade. In: SANTOS, Boaventura: MENESES, Maria Paula. **Epistemologia do Sul**. Tradução e revisão organizada por Margarida Gomes. São Paulo: Cortez, 2010. p. 313-339.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NOGUEIRA, Renato. **O ensino de filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

RENÉ, Ménil. **Las Antillas: Ayer y Hoy** Sanderos. México: FCE, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, L C. D. dos. **O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afrodiáspórica como arquipélago de libertação**: 2019. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, L C.D. dos. **A filosofia da relação de Édouard Glissant: Uma breve introdução**. Revista Ideação, Feira de Santana, V 1, N 48, 62-77, Julho/Dezembro, 2023.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

SUZANNE, Césaire. **A grande Camuflagem: escritos de dissidência (1941-1945)**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2021.

TEIXEIRA, MATHEUS. **Édouard Glissant: O imprevisível como resultado da Relação**. Revista Estudos Anarquistas e Decolonias, Rio de Janeiro, V.4, n .7 2º Semestre, 64-75, 2024.

TOLEDO, Magdalena. **Légitme Défense: Surrealismo negro, anticolonialismo y la producción de la identidad marinicana**. AISHESIS n° 64, Pontifica. Universidad Católica de Chile, 120-137.